

Apresentação do dossiê Comunicação, inovação, tecnologia

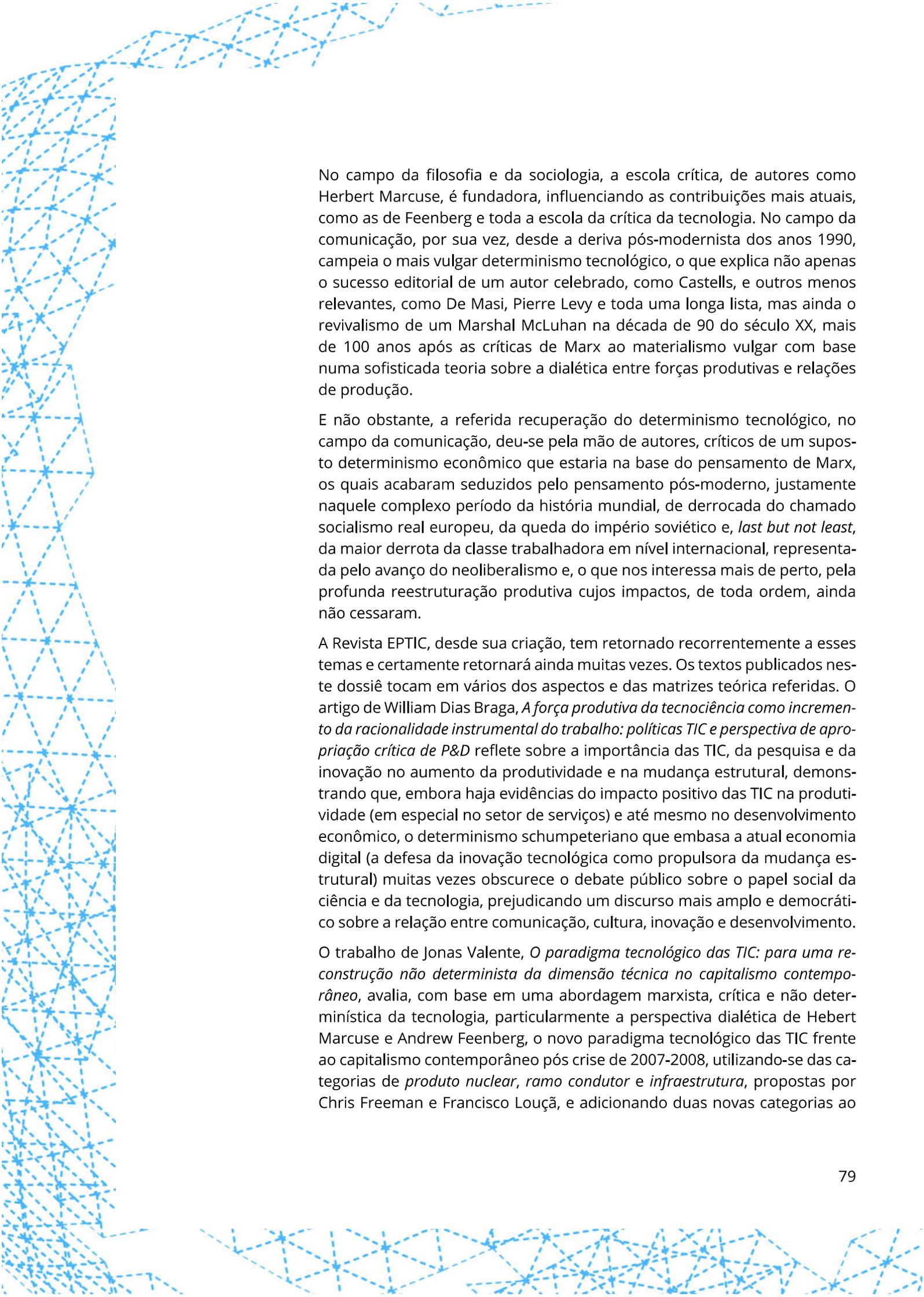
Fabio Rodrigues de Moura

Doutor em Economia Aplicada pela Escola Superior de Agricultura Luiz de Queiroz (Esa/USP). Professor do departamento de Economia e do mestrado acadêmico em Economia da Universidade Federal de Sergipe (UFS).

Contato: fabiomoura@gmail.com

As Tecnologias da Informação e Comunicação são potencialmente uma das fontes do crescimento e desenvolvimento econômico. Retomar a discussão sobre as relações entre comunicação e tecnologia é fundamental num momento como o atual, de profunda mudança estrutural, em que inovações tecnológicas se sucedem, com forte impacto não apenas sobre os processos produtivos e sobre o conjunto das relações sociais, mas também sobre as relações centro-periferia e as estruturas de poder internacional.

Celso Furtado, em diálogo com Schumpeter, reconhece a importância da dinâmica da inovação, ligada à concorrência capitalista, a qual, não obstante, deveria estar vinculada, segundo o autor, a uma teoria da acumulação, como nos clássicos e em Marx. A escola neo-schumpeteriana, na sua vertente mais crítica, poderia atender a esse apelo, mas o que se observa hoje é o contrário: sua crescente aproximação ao *mainstream* econômico, o que evidentemente não a impede de desenvolver importantes categorias para entender a dinâmica competitiva, as trajetórias tecnológicas etc.

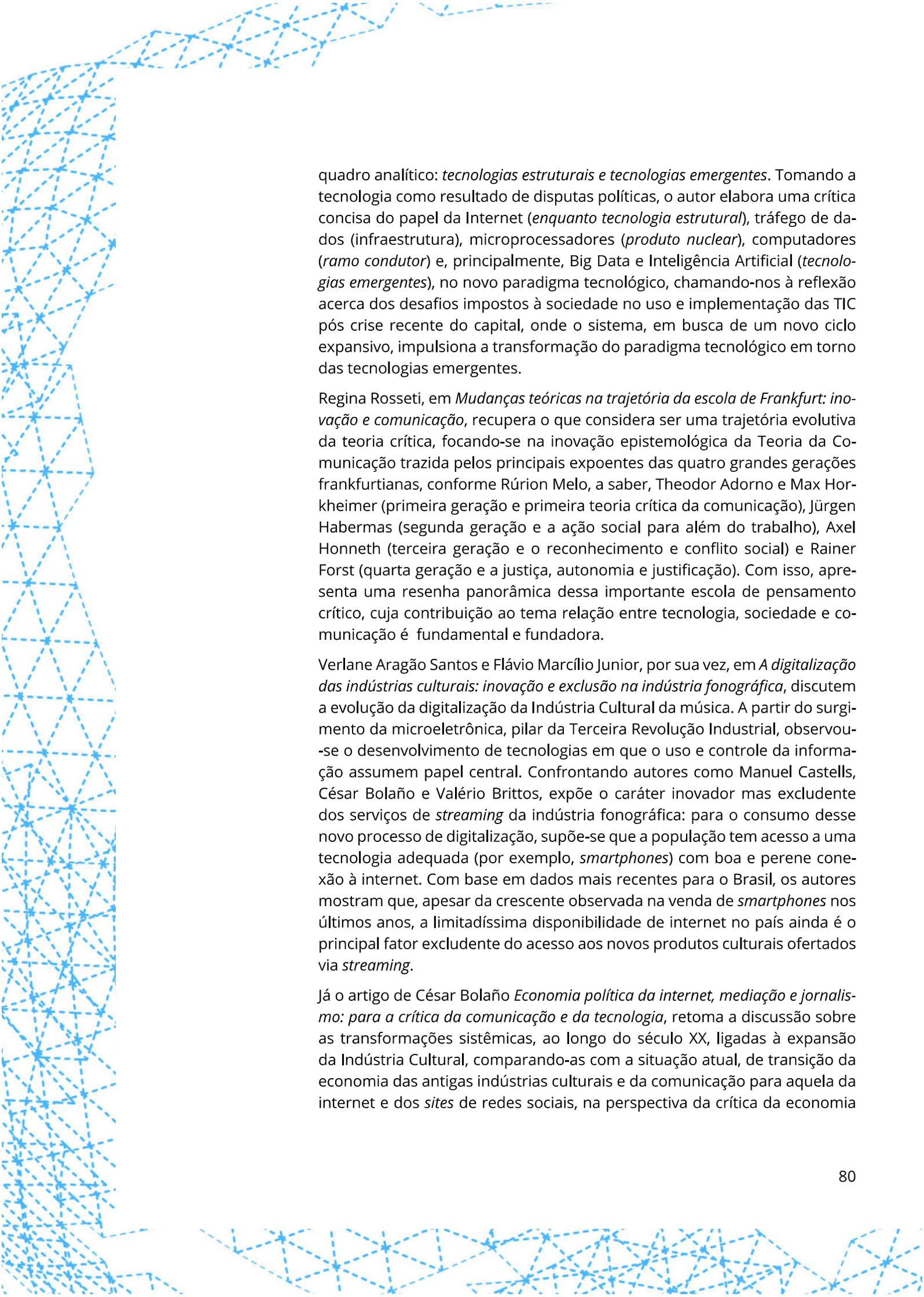


No campo da filosofia e da sociologia, a escola crítica, de autores como Herbert Marcuse, é fundadora, influenciando as contribuições mais atuais, como as de Feenberg e toda a escola da crítica da tecnologia. No campo da comunicação, por sua vez, desde a deriva pós-modernista dos anos 1990, campeia o mais vulgar determinismo tecnológico, o que explica não apenas o sucesso editorial de um autor celebrado, como Castells, e outros menos relevantes, como De Masi, Pierre Levy e toda uma longa lista, mas ainda o revivalismo de um Marshal McLuhan na década de 90 do século XX, mais de 100 anos após as críticas de Marx ao materialismo vulgar com base numa sofisticada teoria sobre a dialética entre forças produtivas e relações de produção.

E não obstante, a referida recuperação do determinismo tecnológico, no campo da comunicação, deu-se pela mão de autores, críticos de um suposto determinismo econômico que estaria na base do pensamento de Marx, os quais acabaram seduzidos pelo pensamento pós-moderno, justamente naquele complexo período da história mundial, de derrocada do chamado socialismo real europeu, da queda do império soviético e, *last but not least*, da maior derrota da classe trabalhadora em nível internacional, representada pelo avanço do neoliberalismo e, o que nos interessa mais de perto, pela profunda reestruturação produtiva cujos impactos, de toda ordem, ainda não cessaram.

A Revista EPTIC, desde sua criação, tem retornado recorrentemente a esses temas e certamente retornará ainda muitas vezes. Os textos publicados neste dossiê tocam em vários dos aspectos e das matrizes teórica referidas. O artigo de William Dias Braga, *A força produtiva da tecnociência como incremento da racionalidade instrumental do trabalho: políticas TIC e perspectiva de apropriação crítica de P&D* reflete sobre a importância das TIC, da pesquisa e da inovação no aumento da produtividade e na mudança estrutural, demonstrando que, embora haja evidências do impacto positivo das TIC na produtividade (em especial no setor de serviços) e até mesmo no desenvolvimento econômico, o determinismo schumpeteriano que embasa a atual economia digital (a defesa da inovação tecnológica como propulsora da mudança estrutural) muitas vezes obscurece o debate público sobre o papel social da ciência e da tecnologia, prejudicando um discurso mais amplo e democrático sobre a relação entre comunicação, cultura, inovação e desenvolvimento.

O trabalho de Jonas Valente, *O paradigma tecnológico das TIC: para uma reconstrução não determinista da dimensão técnica no capitalismo contemporâneo*, avalia, com base em uma abordagem marxista, crítica e não determinística da tecnologia, particularmente a perspectiva dialética de Hebert Marcuse e Andrew Feenberg, o novo paradigma tecnológico das TIC frente ao capitalismo contemporâneo pós crise de 2007-2008, utilizando-se das categorias de *produto nuclear*, *ramo condutor* e *infraestrutura*, propostas por Chris Freeman e Francisco Louçã, e adicionando duas novas categorias ao



quadro analítico: *tecnologias estruturais e tecnologias emergentes*. Tomando a tecnologia como resultado de disputas políticas, o autor elabora uma crítica concisa do papel da Internet (*enquanto tecnologia estrutural*), tráfego de dados (infraestrutura), microprocessadores (*produto nuclear*), computadores (*ramo condutor*) e, principalmente, Big Data e Inteligência Artificial (*tecnologias emergentes*), no novo paradigma tecnológico, chamando-nos à reflexão acerca dos desafios impostos à sociedade no uso e implementação das TIC pós crise recente do capital, onde o sistema, em busca de um novo ciclo expansivo, impulsiona a transformação do paradigma tecnológico em torno das tecnologias emergentes.

Regina Rosseti, em *Mudanças teóricas na trajetória da escola de Frankfurt: inovação e comunicação*, recupera o que considera ser uma trajetória evolutiva da teoria crítica, focando-se na inovação epistemológica da Teoria da Comunicação trazida pelos principais expoentes das quatro grandes gerações frankfurtianas, conforme Rúrion Melo, a saber, Theodor Adorno e Max Horkheimer (primeira geração e primeira teoria crítica da comunicação), Jürgen Habermas (segunda geração e a ação social para além do trabalho), Axel Honneth (terceira geração e o reconhecimento e conflito social) e Rainer Forst (quarta geração e a justiça, autonomia e justificação). Com isso, apresenta uma resenha panorâmica dessa importante escola de pensamento crítico, cuja contribuição ao tema relação entre tecnologia, sociedade e comunicação é fundamental e fundadora.

Verlane Aragão Santos e Flávio Marcílio Junior, por sua vez, em *A digitalização das indústrias culturais: inovação e exclusão na indústria fonográfica*, discutem a evolução da digitalização da Indústria Cultural da música. A partir do surgimento da microeletrônica, pilar da Terceira Revolução Industrial, observou-se o desenvolvimento de tecnologias em que o uso e controle da informação assumem papel central. Confrontando autores como Manuel Castells, César Bolaño e Valério Brittos, expõe o caráter inovador mas excludente dos serviços de *streaming* da indústria fonográfica: para o consumo desse novo processo de digitalização, supõe-se que a população tem acesso a uma tecnologia adequada (por exemplo, *smartphones*) com boa e perene conexão à internet. Com base em dados mais recentes para o Brasil, os autores mostram que, apesar da crescente observada na venda de *smartphones* nos últimos anos, a limitadíssima disponibilidade de internet no país ainda é o principal fator excludente do acesso aos novos produtos culturais ofertados via *streaming*.

Já o artigo de César Bolaño *Economia política da internet, mediação e jornalismo: para a crítica da comunicação e da tecnologia*, retoma a discussão sobre as transformações sistêmicas, ao longo do século XX, ligadas à expansão da Indústria Cultural, comparando-as com a situação atual, de transição da economia das antigas indústrias culturais e da comunicação para aquela da internet e dos *sites* de redes sociais, na perspectiva da crítica da economia



política da comunicação e da tecnologia, referindo-se especialmente ao caso da imprensa, considerando os processos de subsunção do trabalho que se deram lá historicamente, afetando primeiro a categoria dos gráficos e, desde os anos 80 do século passado, dos jornalistas.

O próprio Bolaño, diretor da revista, realizou a entrevista com o Dr. Cesare Giuseppe Galvan. Entrevistado e entrevistador têm se debruçado há anos sobre o tema do trabalho intelectual na atual reestruturação produtiva e sobre a contribuição fundamental de Alfred Sohn-Rethel a esse respeito. Galvan, em especial, que já colaborou anteriormente com a revista e, em diferentes ocasiões, com o Observatório de Economia e Comunicação da UFS, tem uma longa e conhecida trajetória no campo da Economia no Brasil, tendo produzido, inclusive, nos anos 1980, uma célebre pesquisa sobre tecnologia nuclear. Bolaño tratou de trazer à baila, na entrevista, a histórica contribuição de Galvan, baseado em dois livros da época, com um questionamento mais direcionado às TIC. O resultado é uma reflexão atualizada de Galvan extremamente bem vinda.